

A LINGUAGEM: OBJETO DA LINGUÍSTICA¹

FERREIRA, Alice Maria de Araújo¹

¹Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente professora do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB).

RESUMO

Toda a tentativa de definir o que é linguagem se depara com a complexidade da questão. Desde as preocupações com sua relação com o real e o pensamento até as preocupações com a sua relação com a sociedade e a cultura, as reflexões sobre a linguagem nunca deixaram de revisitar seus campos e objetos. Reflexões estas imprescindíveis, pois é a partir da compreensão do que é a linguagem que entendemos melhor a construção da percepção e da significação do mundo.

Palavras-chave: Linguagem. Linguística. Discurso e sujeito.

ABSTRACT

All the attempt to define what language is, faces with the complexity of the issue. Since the concerns about your relationship with the real and the thought up to the concerns about its relationship with society and culture, the reflections about the language never failed to revisit their fields and objects. These reflections are indispensable, as it is from understanding what the language is that we better understand the construction of perception and meaning of the world.

Keywords: Language. Linguistics. Discourse and subject.

INTRODUÇÃO

A relevância das questões semânticas e pragmáticas levou as pesquisas lingüísticas a transcenderem a estrutura e pensar a linguagem no âmbito da enunciação. Enunciação enquanto ato, ação que nos instaura diante do outro e no mundo como sujeitos.

A necessidade do outro na construção do sujeito e de um saber sobre o mundo nos leva a pensar a linguagem não só no seu aspecto subjetivo, mas intersubjetivo; quando nos instauramos como sujeito, instauramos outrem. Basta lembrar que o signo lingüístico é a união indissociável de um significante com um significado e que não podemos nos compreender se não fizermos as mesmas associações. Merleau-Ponty (1984) ressalta que essa união se faz a dois.

É, então, pela e na intersubjetividade, ou seja, o diálogo, que construímos um saber sobre o mundo. É a partir do confronto de dois pontos de vista que buscamos a compreensão da percepção e a significação do mundo. Assim, vale ressaltar a importância do diálogo no processo de ensino-aprendizado fazendo ressurgir as idéias de questionamento e referência para a formação de um espírito crítico.

¹ Palestra proferida em novembro 2009 na abertura da V Semana de Letras do Centro Universitário UnirG, de Gurupi / Tocantins.

A LINGUAGEM E SUAS RELAÇÕES

Como diz Umberto Eco (2001), a história da civilização judaica-cristã tem a vantagem de começar pelo início, e no início houve o verbo. O ato de criação se faz a partir de um ato de linguagem. Deus, ao criar o céu e a terra, diz: “Faça-se a luz”. E logo a seguir dessa palavra divina, “fez-se a luz” (GÊNESIS 1, 3-4: *apud* ECO, 2001, p. 25). Diante da criação, nomeando as coisas que via, Deus lhes confere um estatuto ontológico: “E Deus chamou a luz, dia e as trevas, noite [...] e declarou o firmamento, céu” (ECO, 2001, p. 25). Um pouco mais adiante, se diz que Deus “formou da terra toda espécie de animais campestres e de aves do céu e os conduziu ao homem, para ver como ele os chamaria, e para que tal fosse o nome de todo animal vivo, qual o homem o chamasse” (GENESIS, 2, 19s, *apud* ECO, 2001, p. 25). Esta questão é fundamental, pois nela está em jogo um “tema comum a outras religiões e mitologias, isto é, o do primeiro criador da linguagem” (ECO, 2001, p. 26). É também, e sobretudo, a da questão da relação dos nomes e das coisas, na elaboração de uma teoria do conhecimento. Adão atribui nomes aos animais que lhes cabiam por algum direito extra-linguístico, ou deu nomes arbitrariamente, instaurando uma convenção?

Esta questão perpassa toda a história da filosofia e do pensamento sobre a linguagem, em particular da teoria do signo que hoje parece ter desaparecido. Alguns falam da morte do signo, Eco fala da crise do signo.

Na Grécia antiga, o problema que se colocava para os filósofos preocupados com a elaboração de uma teoria do conhecimento, consistia em definir os tipos de correspondência que existem entre a noção e a palavra que a designa. A grande questão era de saber se a linguagem fora criada pela natureza ou por via de uma convenção. Esse debate é retomado no *Crátilo* de Platão (PLATÃO, 1950, p. 688) onde Sócrates vai defender as duas teses. Nesses diálogos aparecem questões fundamentais para a lingüística como a relação significado/significante, a arbitrariedade do signo e o valor social da linguagem. Mais tarde, Aristóteles vai defender que o signo é um símbolo e assim a convenção. Ele se preocupa mais com as questões de gramática buscando uma correspondência com o discurso. Assim, ele estabelece as partes do discurso, as categorias gramaticais do grego que vão servir de modelo para o latim e para as línguas ditas modernas no renascimento.

Ferdinand de Saussure, séculos mais tarde, vai operar uma ruptura nos estudos lingüísticos definindo a linguagem com um sistema de signos socializados. Retoma a discussão sobre a teoria do signo e diz que eles não têm relação material com o que significam. Um signo é uma entidade suscetível de representar uma outra. O signo lingüístico “resultante da associação de um significante e de um significado é arbitrário” nos diz Saussure: “não há nenhuma ligação com a realidade” (SAUSSURE, 1985, p. 81).

A linguagem instaura, então, um universo simbólico, linguisticamente construído, distinto, que evoca o mundo, mas que não se parece com ele. Essa distinção com o real permite à linguagem certa independência e lhe confere ainda a capacidade de se desenvolver de maneira autônoma. Permite questionar a verdade (adequação da linguagem ao real), a mentira (inadequação intencional). Permite nomear o que não pode ser figurado como as ideias gerais (o vegetal, o animal, etc.) e as abstrações (o mundo, as geometrias etc.). Enfim, permite à linguagem desenvolver significações independentes da realidade, ou seja, falar sobre coisas que não existem (o futuro), que não existem mais (o passado), mais ainda, de coisas que não existem (um unicórnio, um rio de lágrimas etc.) e como diz Mallarmé de fazer existir o que nomeia pelo fato de nomeá-las. Se a linguagem nos liga ao mundo, é também o que nos distancia dele, criando relações estreitas com a imaginação.

No sentido amplo, a linguagem designa todo sistema de signos permitindo a comunicação. No sentido estreito, é a faculdade humana de constituir e de utilizar uma língua, ou seja, de comunicar seu pensamento. A língua é o instrumento de comunicação própria a uma comunidade humana. Esse sistema particular de signos e de regras é um fato social superior e exterior aos indivíduos que a falam. A fala designa o uso que o sujeito dotado da faculdade de linguagem faz da língua. É uma *performance* individual enquanto que a língua é uma instituição. A autonomia da linguagem em relação ao real ou à natureza permite concebê-la, como Claude Lévi-Strauss, como um fato cultural por excelência; a linguagem é o instrumento essencial pelo qual assimilamos a cultura do nosso grupo. Mais, é o sistema cultural que nos permite apreender todos os outros.

A linguagem tem então uma história. Só existe concretamente na diversidade das línguas e das falas, nas quais não pára de inventar significações novas. Já que cada língua e cada cultura desenvolvem significações próprias, podemos considerar com Nietzsche (1995, p. 43) que a linguagem carrega os valores de uma civilização, seus julgamentos e seus preconceitos. Para Benveniste: “pensamos um universo que nossa língua já modelou” (1966, p. 285). Quando surge uma língua surge simultaneamente a cultura de um povo.

Outra questão que interessa os estudiosos da linguagem, de Aristóteles a Chomsky, passando por Descartes e os gramáticos de Port-Royal, diz respeito a sua relação com o pensamento. Esta questão revela vários problemas. Definir a linguagem como meio de comunicação ou de expressão do pensamento pressupõe a pré-existência do pensamento independente da linguagem. Dois problemas aparecem: a linguagem consegue mesmo cumprir esse papel? A linguagem não interviria na própria constituição do pensamento?

Todo o mundo já viveu a experiência de procurar suas palavras, e também já chegou à conclusão que não achamos palavras para dizer o que sentimos. Isso para Bergson (1983, p. 98-99) mostra que o pensamento é bem maior que a linguagem. Mas será que devemos nos contentar com esse fracasso? Podemos constatá-lo denunciando um pensamento a-discursivo. Platão define o pensamento como “um discurso que a alma tem com ela mesma” (1967, 457c-458c). Nesse sentido, diz Hegel, é através das palavras que pensamos. O pensamento verdadeiro não existe fora da linguagem que lhe é consubstanciada. É graças à forma objetiva que lhe dão as palavras, que o pensamento pode ser apresentado à consciência do sujeito. Procurar as palavras é procurar o pensamento. Para saber algo que sentimos, que vivemos, para conseguir pensá-lo, temos que conseguir formulá-lo. Por isso Hegel busca desmitificar o indizível no qual vê “o pensamento obscuro, o pensamento em estado de fermentação e que só se torna claro quando encontra a palavra” (HEGEL, 1998, p. 560-561).

Na primeira metade do século XX, a linguística se fortaleceu como ciência com o estruturalismo, muito criticado hoje, mas que teve um papel fundamental. No entanto, para entender o funcionamento da língua a partir da descrição de sua estrutura, os estruturalistas deixaram a parte mais delicada de lado: a semântica². Benveniste aceitava as considerações estruturalistas sobre a diacronia tradicional, mas recusava o sincronismo rígido. Assim, quando Martinet (1989) achava não pertinente o estudo da enunciação e sim do enunciado, Benveniste defendia a necessidade de se estudar a

² André Martinet em *Elementos de lingüística geral* (1989), diz que a lingüística não deve se preocupar com a dinâmica da enunciação quando afirma: “não cabe ao lingüista como tal de precisar onde, no locutor, se encontram disponíveis esses fatos lingüísticos, nem por qual processo, este locutor é levado a fazer uma escolha conforme suas necessidades comunicativas.” (p. 38).

enunciação através das marcas deixadas no enunciado. Para ele, a lingüística devia estudar os textos e os discursos. Muitos lingüistas concordaram com Benveniste e passaram a ultrapassar os limites da estrutura frasal para o estudo do texto. Ele vai iniciar uma teoria da enunciação.

O DISCURSO E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

A enunciação é definida como o ato de produção de um enunciado por um locutor numa situação comunicativa, um ato individual de criação pelo qual o locutor põe a língua em funcionamento. Distinguimos, então, de um lado o enunciado, e de outro, a presença daquele que manda a mensagem, e enunciação. A teoria da enunciação, ao conceber os estudos sobre a subjetividade da linguagem, chama a atenção para os procedimentos lingüísticos por meio dos quais aquele que diz imprime sua marca no que é dito, inscrevendo-se nesse dizer. Ou seja, a Teoria da enunciação busca identificar a intenção determinante das escolhas daquele que diz na construção do seu dizer. Para Benveniste (1966) a subjetividade é um ato individual de apropriação da língua a partir do qual a língua se transforma em discurso. O homem se constitui como sujeito na linguagem e pela linguagem. Com tal concepção de enunciação, Benveniste coloca a noção de significação na instância discursiva, passando necessariamente pela noção de sujeito: “É na instância do discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como sujeito.” (1966, p. 288). Essa concepção revela, no entanto, um sujeito egocêntrico, onipotente, uno homogêneo, caracterizando-se por sua relevância em relação ao “tu”. No ato de comunicação, ao se instituir um “eu”, institui-se um “tu”. Todavia, para Benveniste o “eu” é uma pessoa subjetiva e o “tu” não subjetiva. Ele propõe uma transcendência do “eu” sobre o “tu”: “[...] ego tem sempre uma posição de transcendência em relação ao tu, apesar disso nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares e reversíveis.” (1966, p. 286).

Tal consideração, contudo, faz-nos lembrar a posição de Ducrot (1984) segundo a qual o ato de dizer nem sempre é controlado pelo sujeito. Pois, da mesma forma que algo pode ser introduzido no discurso pelo locutor, sabiamente, constituindo o seu querer dizer, algo pode também ser introduzido no discurso sem um querer, ou mesmo um saber do locutor. Por outro lado, tal consideração nos leva ao reconhecimento que o sujeito é marcado espacial e temporalmente e assim, a conjugação das noções de sujeito histórico e ideológico. O dizer é produzido num determinado lugar e num determinado tempo, sua fala é um recorte das percepções e representações de um tempo histórico e um espaço social. Seu discurso se situa em relação aos discursos do outro. Para Bakhtin (1979) a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal. O homem é inconcebível fora da relação que o liga ao outro: “Não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo [...]. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro”. (1979, p. 163).

A INTERSUBJETIVIDADE DA LINGUAGEM

Já que a unidade fundamental concreta da fala, não é a enunciação monologa, mas a interação de pelo menos duas enunciações, a importância do outro para instauração do sujeito e a intersubjetividade começam a despertar o interesse de vários lingüistas.

Estabelecer uma descrição adequada da linguagem enquanto práxis intersubjetiva só é possível se levar em consideração a dimensão pragmática e com uma verdadeira transformação da teoria da linguagem.

Se a enunciação para Benveniste dava grande importância ao sujeito enunciador, Francis Jacques chama a atenção para a elaboração de uma teoria analítica da comunicação pragmática e transcendental: “uma pragmática é fundadora no que diz respeito às relações que mantém empiricamente o discurso com as situações concretas de enunciação. Um ponto de vista transcendental comanda aqui a análise do discurso”. (JACQUES, *apud* ARMENGAUD, 1985, p. 113). Ele continua dizendo: “Se só existe fala dirigida [...], nosso acesso ao real está condicionado pelo processo de comunicação no espaço transcendental da interlocução”. (JACQUES, 1982, p. 333). A construção da significação se descentraliza do enunciador e instaura os dois sujeitos. É na relação interlocutiva que o sentido se revela. Tanto a significação quanto o sujeito se constrói a partir dela.

As teorias do diálogo recusam uma concepção do discurso em que as frases seriam consideradas resultados da atividade simbólica de um locutor individual, em que o ego seria a fonte e a origem do seu dizer e do sentido do seu dizer. Se o locutor se coloca no centro das coordenadas enunciativas, o alocutor, em diferentes graus, participa da iniciativa do sentido. Para sair do monologismo não basta fazer intervir o par auditor, não basta falar com ele, ou ouvi-lo, o alocutor deve ser co-enunciário, enquanto co-responsável do semantismo das mensagens trocadas. Uma enunciação, nos diz Francis Jacques: “é posta em comunidade de sentido, é produzida bilateralmente [...] entre os enunciadores que se exercem á bivocalidade e ao duplo entender” (JACQUES, 1982, p. 334).

Não podemos, no entanto, dizer que a fala dialogada tem dois mestres, pois o único regente é a relação interlocutiva. Essa concepção vê na enunciação uma natureza interacional e relacional, na medida em que as instâncias a serem estudadas estão ligadas às atividades do querer-dizer e do compreender.

ENSINAR/APRENDER A DIALOGAR

Na sociedade atual, a onipresença e a influência crescente das tecnologias e das mídias tornam cada vez mais necessária a educação a uma percepção crítica. A importância do fato comunicacional cresce com um efeito pouco percebido e discutido, que o sentido se constrói cada vez mais em exterioridade em relação ao sujeito, que antes era construtor do sentido. A quantidade de informações que recebemos e não “digerimos”, nos torna, muitas vezes, repetidores de informações. O enunciador é sujeito na medida em que fala, consiste, para ele, identificar-se durante e pelas comunicações nas quais participa.

Um dos efeitos perversos do diálogo, combatido por Sócrates, é a influência, ou a sedução, que leva o espírito á confusão. O diálogo é um pensamento em movimento, com outrem, que se baseia no respeito ao outro, a amizade. No diálogo, dois tipos de relações articulam-se: do homem com as coisas em qualidade de referência, e do homem com o homem como parceiro no processo de questionamento. O diálogo, nesta perspectiva, se apresenta como processo de co-referência e de questionamento em que as propostas de um completam os conhecimentos do outro. O diálogo é caracterizado pelo encontro de dois seres que apresentam dois pensamentos. Dialogar é comunicar de maneira argumentada. A confrontação de argumentos estruturados deve permitir ao pensamento se libertar.

Todo professor gostaria de ensinar aos alunos a avaliar a qualidade de uma produção mediática e dar-lhes os instrumentos de análise. Acreditamos que é pelo

ensino e, sobretudo, pelo diálogo que podemos formar um espírito crítico. Essa concepção de diálogo, defendida por Francis Jacques (1982) permite pensar uma educação para a atualidade mediática a partir do conceito de referência, essencial à análise da informação, e da ideia dinâmica de interrogação, noção fundamental para qualquer processo de aprendizado. Educar, não é se limitar a transmitir conteúdos, mas deve formar o espírito crítico, ou seja, ensinar/aprender a interrogar.

Se o debate e a simples conversa são práticas conhecidas e experimentadas pela maioria, não é o caso do diálogo no seu sentido pleno. Muitas vezes, ele é confundido com uma simples troca de pontos de vistas. É pelo intermediário de questões e de respostas que os interlocutores procuram juntos, questionam, constroem hipóteses, formulam interrogações e caminham em direção a um novo saber. A educação não pode satisfazer-se de uma direção unilateral, em que só o professor está habilitado a interrogar. O diálogo supõe a aceitação de uma igualdade nas trocas. Há uma certa ética da comunicação: o diálogo não admite exclusão. Preparar o espírito crítico pelo questionamento necessita de uma ação profunda, além do simples nível dos conhecimentos, deve transformar as aptidões relacionais e comunicacionais dos alunos. Para que estas sejam de fato interlocutivas, os alunos deverão sair de um modelo apenas reativo, e participar como sujeitos pela interrogação.

O diálogo é uma forma de pensamento livre, e seu exercício se torna hoje urgente no mundo em que a comunicação é onipresente sem que o diálogo apareça como possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem sempre suscitou questionamentos. É por ela e na instância da enunciação que nos construímos como sujeitos no mundo. Mas para entender e compreender o mundo, precisamos do outro. É pelo diálogo que interrogamos nossa percepção das coisas. A troca supõe uma partilha de idéias e não a pura afirmação dogmática de uma opinião. No diálogo, estamos dispostos eventualmente a mudar nosso ponto de vista.

A intersubjetividade da linguagem é uma condição para a percepção do mundo e para a possibilidade de sua objetividade. Meu mundo, mas também o vosso. Isso não quer dizer que pensamos o mundo da mesma maneira, mas que pensamos juntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARENDT, H. *Vies politiques* (1974), trad. B. Cassin et P. Levy. Paris : Gallimard, 1986.

ARMENGAUD, F. *La Pragmatique*. Paris: PUF, 1985.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1979.

BARBOSA, M.A., *Léxico, produção e criatividade: Processo do neologismo*. São Paulo: Global, 1996.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale, I*. Paris : Gallimard, 1966.

BERGSON, H. O cérebro e o pensamento. In: *Cartas conferências e outros escritos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. (1889). Paris: PUF, 1983.

- DUCROT, O. *Le dire et Le dit*. Edition de Minuit. Paris, 1984.
- DUCROT, O. *Princípios de Semântica Lingüística: Dizer e Não Dizer*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- ECO, U. *A busca da língua perfeita*. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- HEGEL, G.W.F. *Philosophie de l'esprit*. Trad. B. Bourgeois. Paris : Vrin, 1998.
- HJEMSLEV, L. T. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. Trad. J. Teixeira Coelho Netto, in: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- JACQUES, F., *Dialogique*. Recherches Logiques sur le dialogue. Paris: PUF, 1979.
- _____. *Différence et subjectivité*. Paris : Aubier-Montaigne, 1982.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'Enonciation de la Subjectivité dans le Langage*. Paris: Armand Colin, 1980.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1983.
- LEROY, M. *As grandes correntes da lingüística moderna*. Trad. I. Blikstein e J.P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MALLARMÉ, S. Divagations (1897). In : *Oeuvres complètes*. coll. "Pleiade". Paris: Gallimard, 1945.
- MARTINET, A. *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1989.
- MERLEAU-PONTY, M. (1984). Sobre a fenomenologia da linguagem (M. S. Chauí, Trad.). In: CHAUI, M. S. (Org.). *Maurice Merleau-Ponty: textos selecionados* (pp.129-140). São Paulo: Abril Cultural.
- NIETZSCHE, F. *La volonté de puissance*, t.1. Paris: Gallimard, 1995.
- PLATÃO, *Cratyle*. Trad. Robin e Moreaux. Paris: Gallimard, 1950.
- _____, *Gorgias*. Trad. E. Chambry. Paris: Garnier-Flammarion., 1967.
- SAUSSURE. F. *Curso de lingüística geral*. Trad. A. Chelini, J.P. Paes, I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1985.

Data de aceite: 07.06.2010

REVISTA CEREUS 

Av. Pará, quadra 20, lote 01 nº 2432 - Telefone: (63) 3612-7602
Bairro Engenheiro Waldir Lins II. Gurupi - TO CEP: 77402-110.
E-mail: revistacereus@unirg.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO UnirG 

Av. Guanabara, quadra 326, lote 11, nº 1500, Telefone: (63) 3612-7619.
Centro. Gurupi-TO Cep: 77403-080
<www.unirg.edu.br>.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.